Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

Ano II nº 44
22/10/97 a 6/11/97
Contribuição R$ 1,00

Opinião SOCIALISTA

Wladimir Souza

Ciro Gomes, Itamar, Arraes e Brizola são farinha do mesmo saco

Cleber Medeiros

Lula presidente com vice do MST

Enquanto o desemprego aumenta, o governo e os capitalistas querem acabar com a aposentadoria, os direitos sociais e manter o arrocho salarial. É preciso dizer não à frente ampla com a burguesia e começar a formar a unidade dos trabalhadores da cidade e do campo desde já para organizar a luta contra as reformas neoliberais e FHC.

páginas 3, 6 e 7

C U R T A S

Cerveja. Em Santa Catarina, no dia 8 de outubro, depois de garantida uma grande pizza, houve farta distribuição de cerveja em praça pública para combinar. Tudo para comemorar a votação que livrou o governador Paulo Afonso (PMDB) do impeachment. Faltaram 2 votos para o afastamento de Paulo Afonso, porém o mais escandaloso é que, da última votação em 30 de junho até hoje, 4 deputados (2 do PFL, 1 do PDT e 1 do PSDB) mudaram o voto. Três obtiveram cargos e favores e outro, envolvido em sonegação, foi devidamente cobrado por favores antigos. O governador de Santa Catarina levantou R$ 603 milhões em títulos precatórios, embora não tivesse qualquer dívida judicial para quitar. Só o banco Vetor nesta brincadeira levou R$ 33 milhões em um dia.

◆

Pizza. O 8 de outubro deveria entrar para o calendário nacional como o dia nacional da pizza. Neste mesmo dia, em Brasília foram absolvidos os deputados do Acre Chicão Brígido (PMDB), Osmir Lima e Zila Bezerra (PFL) que eram acusados de venda de votos para aprovar a emenda da reeleição. Mas não acabou por aí. Neste mesmo dia foi anunciado pelo Banco Central que em breve serão liberados os bens dos 58 administradores das instituições financeiras envolvidos na maracutaia da compra e venda de títulos precatórios. Os donos da Vetor, por exemplo, poderão continuar dando seus presentes a políticos como Celso Pitta e, quem sabe, até financiar uma campanha para reeleição de algum governador como Miguel Arraes.

◆

Entrega. Somando a privatização dos setores de Telecomunicações, Energia Elétrica e a abertura da Petrobrás ao mercado, a burguesia espera se envolver no maior negócio do capitalismo brasileiro neste século e há quem diga o maior do mundo, mas o nome é entrega mesmo. A cifra envolvida está em torno de R$160 bilhões!! Isto é três vezes maior que o patrimônio dos 33 principais grupos nacionais privados. Os grandes grupos capitalistas nacionais estão "animadíssimos" com o festim. Porém, resta saber se vão ser páreo para competir com as gigantes multinacionais que estão entrando de cabeça nestes filés do patrimônio público.

Fiesp. Em reunião no dia 23 de setembro, o conselho deliberativo da Fiesp traçou as orientações para as negociações com os sindicatos de metalúrgicos filiados à CUT no Estado de São Paulo na campanha salarial deste ano. O documento que vazou é muito direto. Pretensões salariais *"Nunca"* devem ultrapassar o índice de 2%, o aconselhável é *"Zero"*, e o Plano Real nunca deve ser citado nas reuniões. E tem mais, a Fiesp deixa claro que um dos objetivos desta campanha é acabar com as cláusulas sociais. Para os barões da indústria paulista devem ser cortados, já neste acordo, o adicional noturno, horas extras, abono por aposentadoria, garantia ao empregado afastado por motivo de doença ou acidente de trabalho entre outras.

◆

Greves. A indústria paulista é sabidamente uma grande interessada e impulsionadora da sórdida campanha de ataques às conquistas trabalhistas. Esta tem sido a principal campanha também da rede Globo através do *Jornal Nacional*. E enquanto a Globo "doura a pílula", ao dizer que as mudanças nas leis trabalhistas seriam uma arma contra o desemprego, a Fiesp, campeã em demissões, analisa no mesmo documento citado que o receio de demissões fariam os trabalhadores terem que aceitar as condições sem greves. E ainda tem gente que diz que as câmaras setoriais e a política de acordos nas grandes montadoras serviram para garantir o nível de emprego.

O QUE SE VIU

Fernando Quevedo

Manifestação de professores e estudantes no centro do Rio de Janeiro dia 14 de outubro. Foi a quinta paralisação de 24 horas de professores este ano. Atualmente o salário de um professor carioca com 25 anos de carreira é de R$ 363,51.

O QUE SE DISSE

"O Resultado de você colocar em contato Ásia com a Europa é gerar redução de salário ou aumento do desemprego na Europa. Não na Ásia. Lá você não tem ninguém reclamando, assim como não devia ter no Brasil."

Gustavo Franco, presidente do Banco Central. Êta modernidade boa essa hein Gustavo Franco: trabalho semi-escravo e boca calada. No jornal *Folha de S. Paulo*, em 12/10/97.

"Embora nós acreditamos que haja geração, só dá pra falar em empregos assegurados."

Antônio Kandir, ministro do Planejamento, apontando erro dos publicitários do governo quando afirmam que o programa Brasil em Ação gera empregos. Já que é para ser sincero não dá para desmentir as outras campanhas, não Kandir? Na revista *Veja*, em 15/10/97.

"Na verdade, os Estados Unidos são hoje a maior potência econômica do mundo. Entretanto, não queremos dominar ninguém. Nós respeitamos o Brasil e sabemos a importância econômica do Mercosul. Nós não queremos dominar o comércio no continente."

Madeleine Albright, secretária de Estado norte-americana, comentando os objetivos de Bill Clinton na sua recente visita ao Brasil. Só faltou ela dizer que, na verdade, Papai Noel existe. No jornal *O Globo*, em 16/10/97.

"Cláusulas que devem ser cortadas neste acordo: Adicional noturno; Horas extras; Desconto do DSR; garantia salarial na rescisão do Contrato de Trabalho; aproveitamento de deficiente físico; abono por aposentadoria; garantia ao empregado afastado do serviço por motivo de doença ou de acidente do trabalho."

Trecho de documento da Fiesp orientando os seus sindicatos nas negociações com os metalúrgicos do Estado de São Paulo na atual campanha salarial.

P S T U

◆**Nacional:** Tel (011) 549-9699/ 575-6093 (SP) ◆ **São Paulo (SP):** Rua Nicolau de Souza Queiroz 189 - Paraíso- Tel (011) 572-5416 ◆**São Bernardo do Campo (SP):** Rua João Ramalho 64 - Tel (011) 756-0382 ◆ **São José dos Campos (SP):** Rua Mario Galvão 189 Centro Tel (012) 341-2845 ◆ **Rio Claro (SP):** Av. 1, 1143 Centro ◆ **Niterói (RJ)** Rua Marques de Caxias 87, centro ◆**Rio de Janeiro (RJ):** Travessa Dr. Araújo, 45 - Pça da Bandeira - CEP 22270-070 - Fone (021) 292-9689 ◆ **Florianópolis (SC):** Av. Hercílio Luz, 820 - Centro CEP 88020-001 ◆ **Duque de Caxias (RJ):** Rua Nunes Alves 75 Sala 602 ◆**Belo Horizonte (MG):** Rua Carijós, 121, sala 201, CEP 30120-060 ◆ **Natal (RN):** Av. Rio Branco 815 Centro ◆**São Luís (MA):** Rua Candido Ribeiro, 441 Sala 1 Centro - (098) 232-4683 ◆ **Macapá (AP):** Av. Diogenes Silva - Buritizal ◆ **Maceió (AL):** Rua Minas Gerais,197/ 2 - Poço ◆ **Brasília (DF):** SDS Ed. CONIC - Sobreloja 21 - CEP 70391-900 Tel (061) 225-7373 ◆ **Goiânia (GO):** (062) 229-2546 ◆ **Belém:** Rua Riachuelo, 134 Comércio Tel (091) 549-5388 ◆ **Manaus (AM):** Rua Emilio Moreira 821 Altos Centro (092) 234-7093 ◆ **Recife (PE):** Rua da Gloria, 472 Tel (081) 423-6493 ◆ **Fortaleza (CE):** Av. da Universidade 2333 Centro - Tel 221-3972 ◆ **Porto Alegre (RS):** Rua Borges de Medeiros, 549 4º andar Centro ◆ **Passo Fundo (RS):** Rua Teixeira Soares, 2063 ◆ **São Leopoldo (RS):** Rua São Caetano, 53 ◆ **Terezina (PI):** Rua Lizandro Nogueira 1655 sala 02 - Centro ◆ **Aracajú (SE):** Av. Pedro Calazans 491 sala 105 ◆ **Ribeirão Preto (SP):** Raua Visconde de Rio Branco, 846 - CEP 14015-000

Os nossos três endereços eletrônicos são:

sede.pstu@mandic.com.br
opin.socialista@huno.com.br
http://www.geocities.com/CapitolHill/3375

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. CGC 73282.907/000-64 Atividade principal 61.81.
Endereço: Rua Jorge Tibiriçá, 238 - bairro Saúde - São Paulo-SP-CEP 04126-000.
Impressão Vannucci: (011) 872-3319

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Martiniano Cavalcanti, Junia Gouveia, José Maria de Almeida, Valério Arcary e Carlos Bauer

EQUIPE DE EDIÇÃO
Mariúcha Fontana, Fernando Silva

DIAGRAMAÇÃO
Inácio Marcondes Neto

EDITORIAL

Sob às ordens do Império

Lula Marques

A cobertura da mídia à visita de Bill Clinton ao país deu muito peso aos atritos comerciais entre Brasil e Estados Unidos referentes aos ritmos da abertura comercial total do continente. Só faltou dizerem que FHC era um paladino da soberania nacional. Acontece que os reais atritos comerciais do governo FHC, e da burguesia tupiniquim com os seus patrões, não são nem de longe um questionamento a qualquer um dos pilares fundamentais do projeto neoliberal ou da globalização imperialista.

O fundamental é que FHC vai seguir a risca a cartilha dos patrões de Washington, ainda que queira, nesse momento, negociar os ritmos da criação da Alca. Nada mais. Lembremos do recente discurso do ministro da Fazenda Pedro Malan na reunião anual do FMI quando ele anunciou que o Brasil entraria numa segunda fase das reformas.

Ou seja, o governo pretende avançar num novo e mais violento ritmo de ataques, não apenas entregando o patrimônio público. Fundamentalmente vai tentar arrancar todos os direitos sociais dos trabalhadores. O que, aliás, já começou com a votação da Reforma da Previdência no Senado. E vem mais. Tanto para o governo como para os capitalistas a prioridade no próximo período será a flexibilização da legislação trabalhista.

Além dos vários projetos que estão no Congresso Nacional com este objetivo, como por exemplo o que permite o contrato temporário de trabalho, na prática, governo e empresários já vão para as negociações salariais com o objetivo de acabar com cláusulas sociais de acordos anteriores. É assim na negociação do governo com os petroleiros, é assim na negociação que a Fiesp está orientando aos seus sindicatos com os metalúrgicos do Estado de São Paulo.

Diante da "nova fase" de ataques que o governo quer impor sob a tutela do FMI e do Banco Mundial, continua sendo inacreditável que a direção majoritária dos trabalhadores — tanto a da CUT como o PT — não façam nada para organizar desde já a resistência ativa dos trabalhadores. É a consequência da estratégia de negociações da *Articulação Sindical* e da busca da frente única das "oposições" pela cúpula petista.

Os ataques que já estão em curso contra a nossa classe são de grande porte e se faz urgente a construção de uma forte resistência e de uma frente dos trabalhadores para enfrentá-los.

Cabe aos setores combativos do movimento dos trabalhadores, particularmente a esquerda cutista da qual o **PSTU** faz parte, tomarmos a linha de frente para construirmos na prática uma alternativa capaz de oferecer nessa conjuntura uma estratégia e uma política de mobilização contra os ataques do governo e da patronal. Mas é necessário também a exigência aos partidos operários majoritários e à direção majoritária da CUT que se empenhem na construção de um frente dos trabalhadores que tenha como estratégia a mobilização da nossa classe para derrotar o projeto neoliberal.

OPINIÃO

Porque ingresso no PSTU

Orlando Cariello Filho,
foi presidente do PT-DF 87/90 e coordenador da campanha Lula em 89 e 94 no DF

A luta dos trabalhadores por uma sociedade justa e igualitária enfrenta hoje novas articulações das classes dominantes que visam assegurar, nas eleições de 1998, as condições políticas para ampliar seu poder e prosseguir as suas reformas.

A candidatura de FHC à reeleição compõem-se com a "oposição" de candidatos "alternativos", "de centro-esquerda", à presidência da República. Toda essa encenação é alimentada por políticos e partidos que se reivindicam do campo popular e do socialismo. Diante desse quadro, também o PT privilegia negociações meramente eleitoreiras e se envolve de fato numa mera disputa de apoios como Ciro Gomes e Itamar Franco.

O quadro político do Distrito Federal reproduz o cenário nacional. A direita tradicional articula-se em torno de Roriz e Arruda, cujas candidaturas ao governo vinculam-se à aliança com FHC. A candidatura de Augusto Carvalho é a expressão local do campo de Ciro Gomes.

A possível candidatura de Cristóvam Buarque e/ou Arlete Sampaio à reeleição, pelo PT, também representa o reforço da política de FHC, como demonstram cabalmente o protocolo de acordo firmado com o governo federal. Ali estão consolidadas políticas de ataques ao funcionalismo, de privatizações, com prazos, assim como o controle do governo federal sobre o governo local, através do Ministério da Fazenda.

Cristóvam optou pelo alinhamento por identificar-se politicamente com FHC. O acordo foi um autêntico autogolpe do governador que o PT, pela maioria da sua direção incluindo a vice-governadora e seu grupo político, e a Frente Brasília Popular, referendaram.

Os interesses reais da maioria da população só podem ser expressos politicamente por candidaturas que se baseiem no combate intransigente à política de FHC e todas as suas variantes que sejam identificadas com as lutas imediatas dos trabalhadores e comprometidas com a luta socialista. Isso requer, hoje, a busca da frente classista de esquerda, que dispute com independência o espaço político eleitoral. Que em Brasília e cidades-satélites lutem contra as conseqüências da aliança FHC-Cristóvam/Arlete.

Esta é a política que propõe hoje o PSTU, nacionalmente e no Distrito Federal. A ela me incorporo, rompendo com o PT e ingressando no PSTU.

NÚMEROS *Fusões e aquisições no setor de alimentos, por ano*

Ano	Total	Compras das empresas estrangeiras	Fusão entre empresas nacionais
1992	12	4	8
1993	28	13	15
1994	21	10	11
1995	24	17	7
1996	38	25	13
1997 (até setembro)	30	14	16

Fonte: O Estado de São Paulo, 13/10/97

CARTAS

Alianças desastrosas

Atualmente estamos observando aqui em Hortolândia, interior de São Paulo, as conseqüências práticas e o curso da política aplicada pela direção do PT, senão vejamos:

No ano de 1992 o Sr. Angelo Perugiuni, atual vice-prefeito e Secretário de Saúde, na época exercendo seu mister de vereador por Sumaré, se dirigiu à tribuna da Câmara dos Vereadores e, com a palavra, violentamente desferiu vários ataques contra o atual secretário de Finanças e Planejamento do município de Hortolândia, o Sr. Renato Cardoso Neto. Naquela ocasião o Sr. Angelo acusava o Sr. Renato, então funcionário do alto escalão da Administração Paulino Carrara de estar envolvido em irregularidades na questão do asfalto, do então distrito de Hortolândia.

A ilustração é importante para demonstrar que o Sr. Angelo Perugini, mesmo antes da coligação (PT-PSDB) ser efetivada, conhecida muito bem, politicamente falando, os componentes da legião estrangeira do Sr. Padovani (PSDB).

O Sr. Angelo simplesmente esqueceu das suas "convicções políticas" mudando radicalmente o seu conceito político em relação à pessoa do senhor Renato Cardoso Neto, passando todos a desfilar como bons moços por Hortolândia que, desgraçadamente, tem seus serviços sucateados, conquistas sociais eliminadas, funcionários públicos concursados demitidos.

Com essas atitudes o senhor Angelo amordaçou e castrou a voz do Partido dos Trabalhadores dentro de Hortolândia.

José Luis Monteiro,
Hortolândia (SP)

ENTREVISTA *Jorge Luís Martins, o Jorginho, dirigente da Alternativa Sindical Socialista*

"Unidade da esquerda se constrói na prática"

Para falar sobre a situação da CUT após o Congresso Nacional da entidade e sobre os desafios que estão colocados para a esquerda da Central, entrevistamos Jorge Luís Martins, o Jorginho, membro fundador da CUT, dirigente do Sindicato dos Sapateiros de Franca e da tendência Alternativa Sindical Socialista (ASS) *e que está em sua segunda gestão na Executiva da CUT Nacional.*

Sergio Koei

Plenário do último Concut. No destaque Jorginho

Opinião Socialista – Qual o balanço que a *Alternativa Sindical Socialista (ASS)* faz do Congresso da CUT?

Jorginho — Para nós esse Concut foi a conclusão de um processo. Todas as correntes políticas apostaram no Congresso de 1994, na tentativa de uma gestão mais democratizada e que pudesse se expressar na unidade de ação e de construção de uma política comum. Por isso foi feita uma chapa única. Infelizmente a Articulação Sindical não correspondeu a essa vontade e a unidade foi rompida brutalmente durante os últimos três anos. Por exemplo, em dezenas de eleições sindicais Vicentinho e outros não tiveram uma postura de dirigentes sindicais e sim de defender suas correntes para disputar o aparelho. Deveriam agregar os trabalhadores na luta contra o desemprego e o neoliberalismo, mas cumpriram um papel mais de desagregação.

Foram muitos os equívocos da direção majoritária, por exemplo as críticas feitas na greve dos petroleiros, a vacilação em relação às privatizações e em assumir um papel mais determinado na luta pela terra. Na Reforma da Previdência, a política das chamadas reformas populares, a ilusão de negociar com o governo acabou abrindo brecha para destruir com uma das poucas políticas universais que o país tinha.

Opinião Socialista – O último Concut não modificou a estratégia da direção majoritária. O que você acha que a esquerda da CUT deve fazer agora?

Jorginho — É importante observar que a Articulação Sindical e sua política, no caso da Previdência, foi derrotada no Concut, uma vez que a proposta de políticas propositivas não obteve 50% mais um dos votos. A esquerda tem um papel fundamental no combate a qualquer tipo de capitulação, e em manter a CUT dentro de seus princípios de defesa dos trabalhadores.

> **"A esquerda tem papel fundamental no combate a qualquer capitulação"**

Vai caber à esquerda também um grande esforço de, através de ações na base, resgatar a confiança e a credibilidade com os sindicatos, porque hoje a CUT esta afastada da base. Essa necessidade se expressa mais forte ainda quando a Articulação tenta diminuir o peso das esquerdas na entidade. A chapa da esquerda (Chapa 5), com Alternativa Sindical Socialista (ASS), Movimento por uma Tendência Socialista (MTS), Articulação de Esquerda e outras, no mandato anterior tinha duas secretarias. Agora oferecem apenas uma para esta chapa que teve 30% dos votos (pela proporcionalidade, teria direito a 4 secretarias). A redução de nosso espaço mostra a necessidade da Articulação Sindical forçar burocraticamente uma maioria que não existe mais.

O papel da esquerda da CUT será o combate sistemático contra nosso alvo principal que é o neoliberalismo, através da ação concreta, e ao mesmo tempo o combate às vacilações e deformações que nossa Central tem assimilado no último período, tanto internamente como do ponto de vista institucional. É possível a todos aqueles que acreditam na CUT que construímos em 83 fazer uma luta sem tréguas a esse processo de acomodação da nossa Central.

Opinião Socialista – Como seria possível construir uma unidade superior à do Concut? A perspectiva de uma tendência única da esquerda cutista é real?

Jorginho — Eu não acredito que haja espaço para uma tendência única. Há espaço para o debate estratégico dos caminhos da CUT e, a partir de ações e esforços comuns, golpearmos juntos toda a política de conciliação e também toda política neoliberal. É possível discutir não só entre ASS, MTS e Articulação de Esquerda, mas também com a Corrente Sindical Classista (CSC), assim como com O Trabalho. Sou a favor que a política da Chapa 5 vá progressivamente se construindo na prática do dia a dia. Foi um fato importante essas correntes terem saído juntas no Concut e em vários congressos terem mantido essas bases do programa, como no congresso da Fenasps,(Federação dos Previdenciários) onde se incluiu a CSC, ou agora na Previdência do Rio de Janeiro.

> **"A Articulação rompeu brutalmente a unidade nos últimos três anos"**

Opinião Socialista – Já há um debate grande na esquerda sobre política eleitoral. Qual a sua opinião sobre a política de alianças da direção majoritária de buscar uma frente de centro-esquerda?

Jorginho — Para nós o que vai pautar o debate sobre 98 é o programa das eleições, e em cima disso vai se definir um perfil de alianças. Em minha opinião é possível, a partir desse programa, ampliar até o PDT e PSB. Evidentemente que sabemos da dificuldade de que isso implica em função de toda a política que Brizola e Arraes têm desenvolvido, mas acreditamos que as bases desses partidos têm, nos momentos decisivos, participado das atividades como na questão das privatizações e na luta pela terra. Não acredito em nenhuma possibilidade de aliança com Ciro Gomes, PPS, PSDB e PMDB.

No entanto, estou bastante pessimista se nós teremos condições de construir esse programa capaz de unificar o conjunto da esquerda em função do debate que temos feito no PT e que os partidos da Frente têm colocado publicamente. Creio que o programa será infinitamente rebaixado face ao de 89 e mesmo o de 94. Como a lógica que tem operado é simplesmente eleitoral, creio que a crise deve piorar. É mais ou menos como aconteceu em 94, e a esquerda levou quase dois anos para se recuperar dessa derrota que não foi só eleitoral, mas política, porque rebaixou o programa e as bandeiras históricas.

BRASIL-EUA *Bill Clinton fez muita demagogia mas não recuou da Alca*

Estados Unidos querem espoliação do continente

Expedito Correia,
de São Paulo

Com ares de imperador do mundo, Bill Clinton, presidente dos Estados Unidos, esteve no Brasil em rápida visita, parte de um giro pela América Latina. Um indisfarçável clima de mal-estar cercou a estada do chefe de governo da maior potência capitalista do mundo, devido às declarações desastradas do embaixador americano Melvyn Levitsky, aos exageros do cerimonial americano que praticamente ocupou a capital do país e, fundamentalmente, ao objetivo mesmo da viagem: forçar o mercado latino-americano em geral — e o Brasil em particular — a garantir ainda maiores facilidades comerciais aos produtos americanos integrando o continente num novo bloco econômico

O que Clinton quer da América Latina, sem rodeios, é integrá-la na proposta Área Livre de Comércio das Américas (Alca), um bloco econômico de 700 milhões de pessoas e uma riqueza da ordem de US$ 9 trilhões, cujo resultado mais evidente é a quebra nas barreiras comerciais entre os países participantes estabelecendo para produtos e serviços novos patamares de concorrência — preços internos mais baixos — com isenção de impostos e taxas alfandegárias que protegem o que é produzido localmente.

Só que nesta pobre América ninguém é páreo para o poderio econômico dos Estados Unidos, com um PIB dez vezes superior ao brasileiro (US$ 688 bilhões contra US$ 6,9 trilhões).

Assim, quanto antes for implantado um mercado comum da natureza da Alca, tanto melhor. Os Estados Unidos há muito tentam compor blocos econômicos regionais nos quais é inequívoca sua hegemonia (o Nafta, o bloco do pacífico, com Austrália e Indonésia, etc.). Esses blocos são fundamentais para a economia americana escoar a impressionante produção resultante do seu crescimento econômico, mesmo que isso aniquile a capacidade produtiva dos outros países participantes e leve à ruína acordos comerciais regionais como o Mercosul. Para os Estados Unidos, aliás, melhor ainda, pois a dependência destas nações estaria completamente garantida.

Imperialismo ianque quer hegemonia total sobre o continente

Além disso, os ianques querem limitar, senão derrotar, as ambições japonesas e da União Européia de comporem seus próprios blocos econômicos pelo globo e, particularmente em relação ao Brasil e ao Mercosul, fazer entrar areia nas boas relações comerciais destes com os europeus.

Quem se iludiu com as declarações apaziguadoras do presidente ianque e com suas incríveis aulas de demagogia, principalmente durante a sua visita à Vila Olímpica da Mangueira, e saiu alardeando uma suposta vitória das posições do governo brasileiro está para lá de enganado. Simplesmente porque Clinton não recuou um milímetro dos seus objetivos.

Uma nova rodada de negociações sobre a Alca está agendada para 1998 no Chile entre os governos do continente. As pressões dos Estados Unidos serão cada vez maiores. E não é nada sensato esperar que o governo FHC, com o seu recente mas vasto currículo de entregas e favores aos patrões de Washington, possa impor algum tipo de resistência séria aos interesses dos Estados Unidos.

Reuters

Bill Clinton joga bola com Pelé na Mangueira. Demagogia foi até o morro.

FHC está entregando tudo

Para os Estados Unidos e seus monopólios que sempre espoliaram a América Latina esta é apenas a mais nova modalidade de um jogo antigo que só na década passada levou US$ 281 bilhões a título de amortização da dívida externa, fora as remessas de lucros das suas multinacionais aqui instaladas.

Os governos sul-americanos, por sua vez, aderiram à chamada "globalização" que nada mais é que um salto na espoliação e recolonização imperialista. Os neoliberais FHC e Menem cumprem à risca as exigências do FMI — abriram as fronteiras (abertura comercial), promoveram privatizações, aprovaram leis das patentes, etc. FHC jogou pesado para aprovar o Sivam, um megacontrato que vai usar tecnologia e aparelhos americanos para controlar o espaço aéreo na Amazônia. E eles querem mais: fibras óticas, serviços — voracidade total.

O saldo da balança comercial com os Estados Unidos, em conseqüência, já é largamente favorável aos norte-americanos (US$ 5 bilhões). Ao contrário do discurso sedutor de Clinton contra o protecionismo, entrar para a Alca não significa que os Estados Unidos derrubem todas as barreiras comerciais para os produtos brasileiros. (E.C).

Mercosul não é antiimperialista

Os grandes empresários brasileiros e seus representantes no poder estão em polvorosa: nunca se viu gente do calibre de ACM, um entreguista de carteirinha, ou como o ministro Lampreia, das Relações Exteriores, sair disparando contra a política americana. O que há por trás dessa súbita febre nacionalista?

Na verdade, é bem menos que isso: estes senhores estão defendendo a sobrevivência daqueles a quem representam. Os empresários sul-americanos, principalmente brasileiros e argentinos, desejam consolidar seu Mercosul para garantir suas próprias condições — ainda que pouco potentes – para o ingresso na economia "globalizada", um devaneio que os Estados Unidos querem atropelar com a Alca.

Bloco subordinado

O Mercosul — que nasceu já como um bloco subordinado e dependente — não tem nada de antiimperialista. Para favorecer multinacionais já instaladas, de modo a explorar ainda mais o proletariado, os governos dos quatro países que já participam do Mercosul aderiram à sua moda à "globalização imperialista" abrindo fronteiras, entregando patrimônio público, atacando soberania, etc. — pagando dívida externa sob comando do FMI. Não há contradições de fundo mas diferenças de ritmo para a abertura total comercial do continente.

É preciso afirmar uma política que enfrente a espoliação imperialista e, por consequência, também os lacaios do Mercosul, aproveitando essas contradições interburguesas menores para mobilizar os trabalhadores e todos que estejam contra o pagamento da dívida externa, contra a entrega e o desmonte do setor público, o desemprego, e todas as decorrências concretas da "globalização" que tanto Clinton como FHC defendem. (E.C.)

Aliança com a burguesia não soma, diminui

Mariúcha Fontana, da redação

A maioria da direção do PT e o PCdoB está dedicando todo o seu tempo à negociar com setores da burguesia uma "Frente Ampla" para disputar as eleições de 98.

Arraes, Brizola, Ciro Gomes, Itamar, Quércia, Requião, Sarney e, para alguns, até Covas e Antonio Ermírio — na versão do PCdoB e da direção do PT — seriam de "centro esquerda" e aliados para derrotar FHC e o neoliberalismo.

O raciocínio e o argumento utilizado pelo PCdoB e pela direção do PT é que quanto mais destes senhores vierem para compor esse saco de gatos, mais votos tal frente terá e mais chances terá de derrotar eleitoralmente FHC. E quem não se empenha em costurar uma unidade com a burguesia, na opinião deles, é divisionista e estreito.

Acontece, que em política, como na física, a soma de forças contrárias se anulam. É o caso da tal Frente Ampla. O primeiro resultado dessa articulação toda foi a divisão dos trabalhadores e uma poderosa campanha dos supostos "aliados" para detonar a candidatura Lula. O PCdoB já está nos braços de Arraes tramando para que um desses "camaradas": Itamar ou Sepúlveda Pertence ou até mesmo Ciro Gomes, encabece a tal Frente de "oposição".

O senso comum de que unindo todo mundo vamos ganhar, na verdade, divide os trabalhadores e prepara o caminho de grandes e graves derrotas.

O argumento de que com um arco de alianças deste ganha-se eleições, já é bastante questionável. Basta lembrar da campanha de Erundina em São Paulo no ano passado, que chegou a levar FHC para o seu programa de TV.

E supondo que uma Frente destas ganhe as eleições, é preciso perguntar: o que é que os trabalhadores ganham com isso? É só dar uma olhada nos governos de Cristóvam Buarque em Brasília e de Vitor Buaiz no Espírito Santo, para constatar que o movimento dos trabalhadores hoje está pior do que antes e tendo que se enfrentar com os respectivos governadores que, aliados à burguesia, pagam pontualmente as dívidas aos banqueiros, privatizam, demitem funcionários, reprimem sem-tetos, etc, etc, etc. Em quê esses governos são diferentes dos governos da burguesia? Qual é a diferença entre Buarque e Covas? O que os trabalhadores ganharam com o apoio do PCdoB e do PT ao governo de Arraes em Pernambuco?

Nós dizemos que os trabalhadores em todos esses casos não só não ganharam nada, como perderam em consciência, em organização e tiveram sua resistência e sua luta contra os patrões e o latifúndio enfraquecida. Quem ganhou em todos esses casos foi a burguesia e o governo que conseguiram dividir os trabalhadores, puxando para o seu lado partidos operários.

Sergio Koei

Mobilização é o caminho

O único caminho capaz de derrotar efetivamente o neoliberalismo é a unidade e a mobilização independente dos trabalhadores contra o governo e toda a burguesia (banqueiros, grandes empresários e latifundiários). A aliança que podem mudar a cara desse país, é entre os operários, sem-terras, estudantes, movimento popular e sindical. O caminho da aliança com a classe dominante divide e enfraquece o campo dos trabalhadores.

Basta olhar para trás e ver nossa história recente, para concluir que quando apostamos na unidade dos trabalhadores contra toda a burguesia nos fortalecemos e quem ficou com a burguesia dividiu os trabalhadores. É só lembrar do Colégio Eleitoral em 1985, quando o PCdoB ficou com Tancredo Neves, depois apoiou Sarney e aliou-se ao PMDB e PDT pelo Brasil à fora. Enquanto isso, na década de 80, os trabalhadores grevistas e demais setores do movimento fundaram o PT e a CUT, boicotaram o Colégio Eleitoral, afirmaram que não tinha burgueses "progressistas", que trabalhador devia votar em trabalhador. Com coragem, construímos a independência dos trabalhadores e forjamos uma alternativa de classe, que balançou esse país.

Mas o PT, depois de 1989, resolveu seguir pouco a pouco essa velha e surrada política que tiveram o PCdoB e a pelegada na década passada. Nós chamamos o PT e o PCdoB a romperem com a burguesia e unir os trabalhadores. (M.F.)

Estes senhores não são nossos aliados

Arraes. O chefe do PSB é o chefe dos usineiros de Pernambuco. Enlameado até o pescoço no escândalo dos Precatórios, trata os trabalhadores na base da repressão. Recentemente, sequestrou o comando de greve da PM e tentou reprimir todo o funcionalismo. Fato mais expressivo do seu governo: a morte de dezenas de doentes no caso da clínica de hemodiálise de Caruaru.

Eraldo Platz

Leonel Brizola

Brizola. Ao contrário do que pensam setores da esquerda, ele não é nada inofensivo e menos ainda de esquerda. No Rio Grande do Sul sua base social são os latifundiários do interior. Brizola foi também governador do Rio de Janeiro e governou par e passo com a burguesia. Jogou a tropa de choque contra os professores. Sua aliança com Collor durou até instantes antes do *impeachment*.

Ciro Gomes. Oriundo da juventude arenista, fiel escudeiro do governador neoliberal do Ceará, Tasso Jereissatti, foi da equipe do Plano Real. Suas divergências com FHC se devem a que ele quer reformas e privatizações ainda mais rápidas e também mais espaço político no governo para fazer suas maracutaias.

Niels Andreas

Ciro Gomes

Itamar. No seu governo, FHC foi o ministro da Fazenda e foi criado o Plano Real. Nos seus dois anos de mandato, Itamar pagou pontualmente a dívida externa, privatizou a CSN e deixou o caminho livre para FHC e o FMI levarem adiante o projeto neoliberal.

Wladimir Souza

Lula com um vice do MST

Para derrotar FHC precisamos fazer alianças. Mas alianças que construam a unidade dos trabalhadores do campo e da cidade, da juventude e da maioria do povo pobre e oprimido do nosso país.

As alianças que defendemos é entre os sem-terra, os trabalhadores da cidade, os estudantes, os sem-teto e todos os explorados e oprimidos. Essa aliança representa a enorme maioria do povo e é a única capaz de mudar o Brasil, acabar com a miséria, com o desemprego, com o arrocho salarial e garantir moradia, educação e saúde para o povo.

Defendemos uma Frente dos Trabalhadores, que organize a luta contra esse governo, contra o FMI, contra o latifúndio, contra a Fiesp e os banqueiros. Uma Frente que se apresente também nas eleições, como representante de todos os explorados e oprimidos e que estimule a mobilização pelos nossos direitos e reivindicações. Uma Frente que simbolize a unidade dos trabalhadores e que tenha como horizonte um governo da classe trabalhadora e a luta pelo socialismo. Só uma Frente classista será capaz de empolgar e levantar toda a militância e forjar uma real alternativa a FHC e ao neoliberalismo. Só uma Frente Classista será capaz de fazer com que os trabalhadores e o povo pobre — que são a enorme maioria desse país — ganhem confiança na sua própria força e tomem nas suas mãos a resolução dos graves problemas que nos afetam.

Por isso, defendemos e chamamos a verdadeira esquerda a não gastar nem mais um minuto em articulações com Arraes, Brizola e cia. Por isso, defendemos o lançamento imediato de **Lula presidente com um vice do MST** e que construamos a unidade da verdadeira esquerda, para chamar a luta contra FHC, impulsionar as mobilizações, levantar a cabeça e derrotar a patronal.

Chamamos todos os sindicatos, ativistas, militantes do movimento estudantil e popular a levarem este debate nas entidades e na base, entre todos os trabalhadores. É preciso derrotar esse complô anti-Lula que esta "Frente das Oposições" vem construindo. É hora da base entrar nesse debate, resgatar o classismo e um programa dos trabalhadores contra a burguesia, o neoliberalismo e o governo. **(M.F.)**

Wladimir Souza

Salário, Emprego e Terra

Quando se discute alianças, está também em discussão estratégia e programa.

As revindicações dos trabalhadores são claras. Os trabalhadores precisam e querem o fim do desemprego, salário mínimo do Dieese, moradia para todos, educação pública, gratuita e de qualidade, saúde pública e gratuita, aposentadoria digna, reforma agrária.

Os patrões, os grandes empresários, banqueiros e latifundiários querem aumentar seus lucros e fazer bons negócios e, sempre que possível, maracutaias com o dinheiro público.

Não pagar a dívida externa

Para arrancar e garantir as revindicações dos trabalhadores e do povo — reduzir a jornada de trabalho, sem reduzir os salários, garantir aumento geral dos salários, garantir verbas para a educação e saúde públicas — é preciso derrotar a patronal, o governo e o FMI.

Para começar é preciso não pagar a dívida externa e suspender o pagamento da dívida interna aos grandes banqueiros. É preciso anular todas as privatizações e colocar as estatais sob controle dos trabalhadores, para poder garantir telefone, energia elétrica e água encanada para todo mundo.

Estatizar o sistema financeiro

É preciso estatizar o sistema financeiro e colocá-lo sob controle dos trabalhadores, para que eles não mandem para fora do país todos os recursos acumulados em seus cofres. É preciso expropriar o latifúndio. É preciso confiscar os bens dos grandes sonegadores e corruptos. Sem essas medidas, não será possível acabar com a miséria.

Quem promete atender e garantir as reivindicações dos trabalhadores e ao mesmo tempo garantir os lucros dos monopólios está mentindo para os trabalhadores. Por outro lado, esse programa só se arranca e se garante com mobilização, com luta e com a derrota da burguesia. Quem prometer que, em aliança com a patronal, se garante um país mais justo também estará mentindo.

Por isso, quem propõe aliança com a burguesia inevitavelmente também está propondo abandonar as reivindicações dos trabalhadores.

A utopia reacionária da Articulação

Não é possível arrancar justiça social e distribuição de renda, adaptando-se e negociando migalhas com o FMI e com os grandes banqueiros internacionais, ou pagando a dívida interna aos banqueiros nacionais, só que "alongando o seu perfil", como vem defendendo a Articulação. Não é possível uma "inserção soberana" na ordem mundial imperialista. Não é possível "crescimento e desenvolvimento sustentado" nos marcos da submissão ao FMI e em negociação com as multinacionais. Tão pouco é possível garantir mais e melhores serviços públicos privatizando com "mais controle" as estatais.

Esse tipo de programa, nos marcos do capitalismo, que tem defendido a *Articulação* (com pequenas modificações), a social-democracia e as oposições burguesas da América Latina, reunidas no Foro de São Paulo, reproduzirá o desastre dos governos Buaiz e Buarque. (M.F.)

Secundaristas farão Congresso em novembro com importantes debates

"UBES tem que combater reforma do governo"

O 32º Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) que se realiza entre os dias 12 e 16 de novembro em Juiz de Fora, Minas Gerais, irá definir com qual política o movimento secundarista enfrentará os ataques do governo FHC que tenta a todo custo passar pela goela dos estudantes sua tenebrosa reforma educacional. Também fará parte do debate quem serão os aliados da juventude nesta luta.

Outro ponto importante de discussão no Congresso será a democracia na entidade, já que a corrente majoritária na diretoria — União da Juventude Socialista *(UJS, corrente estudantil ligada ao PCdoB) — pretende restringir ainda mais os critérios de participação dos estudantes.*

*Para falar sobre a importância do 32º Congresso, o **Opinião Socialista** entrevistou o estudante Leon Cunha que além de ser membro da Executiva da UBES, pertence a tese **Reviravolta** e ao **PSTU**.*

Eraldo Platz

Passeata de estudantes. No destaque Leon

Opinião Socialista — O que a direção majoritária da UBES está fazendo em relação à reforma educacional do governo FHC?

Leon — Primeiro é importante localizar que essa reforma tem no seu conjunto o objetivo de acabar com a responsabilidade do Estado com a Educação, aumentar a entrada da iniciativa privada no setor e adequar a educação aos novos interesses da produção. Achamos que é necessário encarar e combater essa reforma como parte da aplicação do projeto neoliberal. Nós temos hoje uma primeira batalha no Congresso que é explicar para as pessoas que raio que é essa reforma, porque a UBES não cumpriu o seu papel de explicar isso para os estudantes.

> **"Para UJS, reforma do governo tem pontos positivos e negativos"**

Pelos debates feitos até agora, a UJS caminha para uma visão de que a reforma tem pontos positivos e negativos e, para essa corrente, o centro da política é a negociação com o governo por dentro dos órgãos oficiais.

Opinião Socialista — E qual é o significado do Provão que será realizado no segundo grau agora em novembro?

Leon — Estamos hoje à beira da realização de uma parte dessa reforma que é o exame nacional do ensino médio, que tem objetivos bem mais nefastos do que o provão das universidades. O provão no segundo grau, que acontece em 5 de novembro em 9 estados, vai além de apenas fornecer dados para o governo. Ele será um dos critérios para o acesso à universidade; e a nota obtida pode servir como referência de contratação no mercado de trabalho.

A **Reviravolta** não só quer discutir a reforma educacional nesse processo de eleição de delegados nas escolas, como quer fazer a discussão do Provão, porque uma semana antes do Congresso nós já teremos esse que será um importante enfrentamento contra a reforma educacional.

Opinião Socialista — No Congresso da UNE o debate sobre estratégia contra o neoliberalismo acabou sendo o mais importante. No Congresso da UBES ele também terá essa importância?

Leon — O debate vai ocorrer e vai acabar se concentrando de forma mais direta na política de alianças para 98. O centro da tese da UJS é a política de unir todos aqueles que são "contra o neoliberalismo" e as sacanagens de FHC. E aí é todo mundo mesmo, Itamar Franco, Ciro Gomes, Miguel Arraes etc. Como se esses dirigentes da classe dominante fossem anti-neoliberais ou anti-FHC. O próprio Ciro Gomes é um fanático defensor das reformas.

Além disso, eles secundarizam o tipo de programa para formar uma frente contra o governo. Para nós, o fundamental para a alternativa ao neoliberalismo, é um programa claro, anticapitalista, de combate aos interesses da burguesia, que defenda redução da jornada e ensino público e gratuito para todos. Não podemos criar a ilusão de que algum setor da burguesia nacional vai levar a luta por um programa que se contrapõe à própria burguesia. E isso só pode se concretizar com uma aliança entre os trabalhadores da cidade, do campo e também com a juventude.

Essa política do PCdoB/*UJS* já tem conseqüências, como a campanha *"Sou da paz"*, realizada junto com a burguesia.

Opinião Socialista — O que é esta campanha e qual a posição da *Reviravolta* sobre ela?

Leon — A *UJS* faz uma campanha que aponta o armamento como a causa central da violência entre a juventude. Essa campanha é organizada pelas entidades estudantis junto com a Rede Globo e com o apoio da Unesco, que é uma das patrocinadoras da reforma educacional. O problema da juventude é que ela está fora da escola, sem perspectiva de estudo e também não tem perspectiva de vida, pois o desemprego na juventude é dramático.

Nós achamos que hoje a campanha que deveria ser lançada pelas entidades deveria ser contra a reforma educacional, em defesa do ensino público e gratuito e contra o desemprego. Aí sim nós podemos começar a combater a violência na juventude atacando suas causas de fundo. Além disso, essa campanha é cínica e unilateral. Pois falam em desarmar a população, mas e a selvageria das PMs e dos grupos de extermínio contra a juventude pobre da periferia nas grandes cidades? E o mercado das empresas de segurança privada que é um dos que mais crescem no país?

> **"Estudantes precisam de uma aliança com os trabalhadores"**

Opinião Socialista — Em relação a democracia na entidade queríamos saber se a *UJS* pretende apresentar a mesma proposta que colocou na UNE de redução na participação dos estudantes no Congresso através dos "filtros" nos congressos estaduais?

Leon — Na tese da *UJS* eles só se referem à necessidade de reestruturar o movimento. Mas já existem algumas propostas que não só mudam o critério de participação nos fóruns como também os próprios fóruns. Por exemplo, estão propondo acabar com os grupos de discussão nos congressos e fazer com que virem painéis. Sistematicamente o PCdoB vem impondo restrições à democracia. O critério atual para o congresso da entidade é um delegado por escola e eles ainda acham muito. Com isso afastam os estudantes das decissões da entidade na tentativa de impedir questionamentos à sua política de conciliação.

Nesse próximo Congresso da UBES, além de batalhar para mudar a política da entidade, colocando-a com uma estratégia clara de mobilização contra o governo e seus planos, vamos também ter que estar em alerta para defender a democracia na entidade contra os golpes e manobras que a direção majoritária pode tentar, como fez na calada da noite no Congresso da UNE.

MOVIMENTO *Professores estaduais realizam 6ª greve no ano*

Educação pára no Rio contra FHC

Luciana Araújo,
do Rio de Janeiro

Fernando Quevedo

Professores e estudantes param o centro do Rio

No último dia 14 de outubro cerca de 1.500 profissionais da Educação e estudantes universitários e secundaristas ocuparam as ruas do centro da cidade. Eles realizaram a primeira Marcha em Defesa da Educação deste ano para protestar contra o arrocho salarial e o sucateamento da Educação impostos pelo governo federal e estadual. A manifestação foi puxada pelo Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (Sepe), diversos grêmios e pelos Diretórios Centrais dos Estudantes das Universidades Federal e Estadual do Rio de Janeiro.

150 mil trabalhadores da Educação cruzaram os braços no dia 14

Cerca de 150 mil professores e servidores técnico-administrativos cruzaram os braços a partir das 10 horas da manhã do dia 14. Houve uma aula pública na Candelária, de onde saíram em passeata até a Cinelândia. Os professores municipais lutam para que as gratificações por tempo de serviço sejam incorporadas ao piso salarial, totalizando R$ 500. O pessoal do Estado está até hoje esperando o pagamento do 1/3 de férias que deveria ter sido depositado em janeiro quando a categoria tirou férias. Eles também querem o reajuste de 68,9%, correspondente ao acúmulo da inflação nos três anos de Plano Real, segundo o Dieese.

Os estudantes secundaristas brigam pelo retorno das escolas técnicas à administração da Secretaria de Educação. Desde o ano passado, quando estas foram transferidas para a ingerência da Secretaria de Ciência e Tecnologia, os currículos foram desmontados e os cursos estão sendo transformados em módulos. Assim, os estudantes aprendem apenas o que é necessário para a formação técnica deixando de lado o aspecto crítico dos cursos.

Já os universitários estão às voltas com a votação da Proposta de Emenda Constitucional 370 (PEC 370) que institui o crédito educativo nas universidades públicas e abre as portas para a cobrança de mensalidades. Além disso, transformam as universidades em "entidades administrativas autônomas de regime jurídico especial", atacando seu caráter de instituições da União e dos Estados e o financiamento estatal, permitindo o fim da estabilidade e a demissão de professores e servidores.

Durante o ato do dia 14, Euclides Agrella, primeiro secretário da UNE e militante do **PSTU**, falou sobre a realidade nefasta que se apresenta para as universidades caso a PEC 370 seja aprovada. Combinada com as outras propostas de reforma da Educação ela é o primeiro passo para o fim das universidades públicas. Euclides falou ainda que os estudantes e profissionais da educação devem ser a vanguarda na construção de uma alternativa de esquerda para combater o projeto do governo. Para ele *"é necessário uma frente dos trabalhadores para derrotar FHC nas lutas e nas eleições de 98"*.

Esta foi a sexta paralisação dos professores estaduais este ano e a segunda dos municipais. Ainda assim, o governador Marcello Alencar (PSDB) se recusa a discutir com os trabalhadores da Educação.

REPRESSÃO

Manifestação contra Clinton foi reprimida

Durante a visita do presidente dos Estados Unidos ao Brasil houve uma série de manifestações. Entre elas a convocada pela CUT do Rio de Janeiro, quando 200 ativistas deram uma banana para Clinton no dia 15. O ato começou por volta das 11 horas da manhã, na Praça Lido, em Copacabana, próximo ao hotel onde Clinton estava hospedado. A CUT levou uma tonelada de bananas para serem distribuídas para a população e mostrar ao presidente dos Estados Unidos o que a população tinha a lhe oferecer.

Mas o ex-assassino da época da ditadura militar e atual Secretário de Segurança Pública, Nilton Cerqueira, mandou a polícia militar para cima dos manifestantes. Várias pessoas foram presas, entre elas Alcebíades Teixeira (Bid), presidente da CUT/RJ. Depois de muita discussão com a polícia, os manifestantes foram levados para a sede da polícia federal acusados de crime contra a segurança nacional...Até a noite do dia 15, cinco pessoas ainda permaneciam presas. O ato, no entanto, só acabou por volta das 18 horas. Os ativistas conseguiram chegar até a entrada do hotel onde Clinton estava hospedado, e ali gritaram palavras de ordem. **(L.A.)**

ESTUDANTES

Congresso de luta no Mato Grosso do Sul

Monje,
de Três Lagoas (MS)

Foi realizado nos dias 26, 27 e 28 de setembro, na cidade de Três Lagoas, o 11º Congresso Universitário dos Estudantes da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul que contou com a participação de 100 delegados. O tema central foi a defesa do ensino público, gratuito e de qualidade. Os estudantes da UFMS debateram o ensino, a pesquisa, a autonomia universitária, a LDB, o provão, além da conjuntura internacional e nacional.

O 11º Congresso tomou uma série de deliberações tais como: fóruns de discussão do movimento estudantil com o MST; um dia de luta em defesa da reforma agrária e apoio às ocupações; defesa de salário. emprego, terra, moradia, educação e saúde pública para todos.

Contra o funil na UNE

Os estudantes aprovaram também uma série de deliberações para o próprio movimento como a criação de um calendário de mobilização dos estudantes e contra o funil na UNE. Onde, os congressos estaduais passam a eleger os delegados para o Congresso Nacional, limitando a participação de um maior número de delegados e limitando a democracia no movimento.

Votação dividida

Além disso, foi aprovado o boicote ao Provão e a exigência de saída imediata da UNE da campanha "Pela Paz, Contra a Violência e pelo Desarmamento" patrocinada pela rede Globo e o governo. Esta votação foi bastante dividida. A posição ganhadora (UNE fora da campanha) teve 36 votos contra 35.

A estudante Ana Paula, 1º secretária da UEE-SP, militante da Reviravolta e do PSTU, esteve presente no Congresso e debateu a necessidade dos estudantes ajudarem a construir uma frente dos trabalhadores da cidade e do campo e da juventude contra o neoliberalismo e FHC. Uma resolução nesse sentido foi aprovada.

Para Krisna, estudante de Biologia, "o Congresso foi um sucesso, principalmente pela sua independência e pelo esforço do DCE da UFMS que garantiu a realização do evento."

Super-produção nacional mostra a queda do Arraial

A Guerra de Canudos é filme polêmico

Wilson H. Silva, de São Paulo

No dia 5 de outubro de 1897, o Arraial de Canudos foi completamente destruído, depois de pouco mais um ano de batalhas que resultaram na morte de cerca de 25 mil seguidores de Antonio Conselheiro, além de outros 5 mil soldados. Exatamente 100 anos depois, no início desse mês, entrou em cartaz o filme de Sérgio Rezende, *A Guerra de Canudos* que, segundo o diretor, pretende resgatar o que foi *"a essência"* daquele conflito e seu significado para a História de nosso país.

Em primeiro lugar, é preciso que se diga que o diretor não poupou esforços para colocar nas telas essa sua gigantesca pretensão. *Canudos* é um dos filmes mais caros de nossa história (R$ 6 milhões); dura 2h40; envolveu centenas de figurantes e uma dezena de astros globais (José Wilker, Claúdia Abreu, Marieta Severo, Paulo Betti, Selton Mello, entre outros) e, ao contrário do que geralmente acontece, está sendo distribuído para todo o território nacional.

Com todo esse cuidado na produção não causa espanto que o filme tenha sido recebido com elogios pela maioria da crítica. Contudo, também não são poucos aqueles que estão criticando o filme. Muitas dessas críticas são inegáveis: o filme é longo demais, é confuso em vários aspectos e excessivamente centrado na guerra (e não na história do Arraial).

Cineasta tenta buscar um meio-termo entre os dois "radicalismos"

Particularmente entre os historiadores, surgiu uma infindável discussão sobre o fato de que o filme não é "fiel" aos eventos em que ele se baseia. Apesar de interessante (e correto em vários aspectos) essa discussão não parece ser a mais importante no que se refere à análise desse filme. Afinal, o diretor nunca afirmou que pretendia fazer um documentário e, sim, uma obra de ficção. Tanto é assim que a principal personagem do filme é uma garota (Luiza, vivida por Claúdia Abreu) e não o Conselheiro.

É através de Luiza que acompanhamos toda a história. Ela abandona seus pais e irmãos quando eles decidem seguir o Conselheiro; torna-se prostituta explorada por um "barão" do Nordeste; casa-se com um simples sertanejo e envolve-se com um tenente idealista do exército republicano, voltando, assim, a se encontrar com os pais pouco antes da destruição do Arraial.

Como fica evidente, é através de Luiza que o diretor pretende nos aproximar daquilo que ele acredita ser a "essência" da história de Canudos e, em última instância, a "essência" do povo brasileiro. E é exatamente aí que reside o maior problema do filme.

De diversas formas, o diretor insiste em apresentar a jovem como um "meio-termo" entre dois tipos de "radicalismo": um representado pelo fanatismo religioso e monárquico do Conselheiro e pelo desespero de seus seguidores e outro pelo autoritarismo militar dos republicanos e pela ganância das oligarquias.

Na leitura de Rezende, os militares foram simplesmente "julgados pela história". Já Luiza, como representante do povo, procurando permanentemente a conciliação entre esses dois "pólos", ao final do filme, surge como uma das poucas personagens que pode sobreviver neste país. Todos os demais são simplesmente eliminados: sejam aqueles que resistiram até o fim em nome da fé, sejam os que não se entregaram por entender que *"homem não é gado"*, como diz uma das personagens antes de ser degolada pelos soldados.

Cena do filme A guerra de Canudos. A direita, a atriz Marieta Severo

Levante camponês por um pedaço de terra

Nem mesmo a defesa de um tom conciliatório fez com que Sérgio Rezende pudesse ocultar completamente a verdadeira essência do que foi Canudos: um poderoso levante camponês contra o latifúndio, por um pedaço de terra e condições dignas de vida, que se transformou no maior massacre da história do nosso país.

Um massacre que pretendia por um ponto final à luta no campo. Algo que fica evidente nas ordens finais do presidente Prudente de Morais às tropas: *"Em Canudos não ficará pedra sobre pedra, para que não mais possa se reproduzir aquela maldita cidade"*.

Hoje, passados 100 anos, a luta do Movimento Sem-Terra, é uma demonstração viva de que as intenções da classe dominante não vingaram. Além disso, o próprio filme, de forma bastante peculiar, revela porque essa luta continua: ao utilizar figurantes que são habitantes da região onde Canudos existiu, o diretor mostrou para o Brasil rostos que parecem ter pulado fora das fotografias tiradas em 1897. Faces marcadas pela miséria, pela fome, mas também pela esperança e pela vontade de construir um mundo melhor. (W.H.S.)

HISTÓRIA

Inferno e paraíso na terra do sol

A Guerra de Canudos é um dos capítulos mais trágicos e complexos de nossa história. Para muitos foi uma disputa entre "monarquistas" e "republicanos". Para outros, foi o resultado da ação de um bando de fanáticos religiosos liderados por um louco messiânico. Para tantos outros, uma mistura de tudo isso. Mas, por trás de qualquer uma dessas leituras, existe uma realidade que, de fato, é a única forma de se explicar o que aconteçeu no arraial: o desespero de uma multidão de miseráveis sistematicamente massacrada pela ganância da elite militar e oligárquica.

Fugindo do "inferno"

No momento em que foi destruído o Arraial de Canudos havia se transformado na segunda maior cidade da Bahia, com cerca de 25 mil habitantes, divididos em 5.200 casebres. Canudos cresceu dessa forma espantosa por razões bastante simples. Ela se tornou um foco de atração para milhares de pessoas que vagavam pelo sertão empurrados pela decadência dos engenhos, o fim da escravidão, os efeitos da terrível seca de 1878 (que só no Ceará matou 100 mil pessoas de fome), a exploração das oligarquias, o aumento de impostos propostos pelo governo republicano e uma série de outros fatores que transformavam a vida cotidiana em um verdadeiro inferno.

Porta do "paraíso"

Chegando em Canudos, esses sertanejos achavam uma sociedade que, apesar de todo seu conservadorismo religioso e sua pregação anti-republicana, era auto-suficiente. Um lugar onde não existia propriedade-privada e onde a terra, o rebanho e a lavoura pertenciam a todos e eram cultivados coletivamente. Por isso não é de se estranhar que Canudos fosse vista como uma espécie de porta para o "paraíso", um oásis de esperança em meio ao completo desespero, uma possibilidade de sobrevivência na luta contra a fome e a miséria. É, principalmente, nesse sentido que a luta sem tréguas daqueles sertanejos faz parte de nossa história. Mais do que "monarquistas e religiosos fanáticos", os mártires de Canudos foram homens e mulheres que morreram lutando por uma sociedade mais justa. (W.H.S.)

PARTIDO *Eventos no Rio e em São Paulo reuniram 650 pessoas*

Atos saúdam filiação de Lindberg Farias

Sergio Koei

Lindberg discursa no ato de São Paulo

Fernando Silva,
da redação

A filiação e a adesão ao **PSTU** do deputado federal Lindberg Farias foi comemorada no início de outubro em dois atos: um no Rio de Janeiro, no dia 1º e outro em São Paulo no dia 11. Além de ser um desagravo contra as calúnias lançadas pelo PCdoB a Lindberg Farias, os atos também tiveram o caráter de lançar a campanha do partido que concretiza a proposta de frente classista e dos trabalhadores: *Lula presidente com um vice do MST.*

O ato carioca contou com a presença de 400 pessoas na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e com um clima de grande euforia e emoção, principalmente, após o discurso de Lindberg que, entre outros pontos, fez questão de se ater ao processo histórico denunciando o fracasso do stalinismo com sua teoria do socialismo num só país e sua permanente política de alianças com as burguesias nacionais responsável por grandes desastres como a derrota da revolução chinesa e o massacre dos operários comunistas em 1926.

Lindberg relacionou episódios como esse no seu discurso, para mostrar que a política atual do PCdoB em buscar alianças com setores da burguesia nacional através da frente ampla é herdeira direta desta desastrosa trajetória histórica.

Em São Paulo, o ato do dia 11 contou com a presença de 250 pessoas na Sala dos Estudantes da Faculdade de Direito da USP. Vale destacar que neste evento estiveram presentes Felix Sanchez, membro da Comissão Executiva Municipal do PT e o vice-presidente da UNE e militante petista, Fábio Jardim que em seu discurso resgatou a trajetória de Lindberg e da sua geração contra as acusações e o método da direção majoritária da UNE que, entre outras coisas, simplesmente apagou o "Fora Collor" da revista que conta a história da entidade

Também fizeram uso da palavra no ato de São Paulo, Valério Arcary, pela direção nacional do **PSTU**, Ernesto Gradella, ex-deputado federal do **PSTU**, Euclides Agrella, membro da executiva nacional da UNE e também militante do partido e, claro, Lindberg.

Em São Paulo, tal como no Rio, o deputado federal fez questão de reafirmar suas críticas ao stalinismo e atacou a direção do PCdoB por estar realizando *"um fuzilamento moral com a minha ruptura. Antes, há décadas atrás, seria um fuzilamento mesmo, físico. Mas hoje, só dá para o stalinismo levantar calúnias e acusações morais para tentar desqualificar o debate político profundo que está na origem da minha ruptura com o partido onde fiquei por dez anos."*

Os atos do Rio de Janeiro e São Paulo, seja pela participação ativa da juventude nos dois locais e de trabalhadores de várias categorias (grevistas dos correios em São Paulo, urbanitários no Rio), seja pelos conteúdo dos discursos, expressaram a grande vitória política que representou para o **PSTU** e para a construção de um polo marxista, socialista e revolucionário, a adesão do companheiro Lindberg Farias.

Estudantes mandam cartas de apoio

Publicamos abaixo uma das inúmeras mensagens que foram recebidas e lidas nos atos de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Caro Deputado Lindberg

Nós militantes de esquerda socialistas, marxistas-leninistas, sabemos o quanto foi difícil sua posição de romper com o burocratismo existente no PCdoB depois de dez anos de militância neste partido.

(...) Abaixo mandamos um texto de Trotsky para refletirmos no que fazer daqui para frente.

Lyon, França, 1936

"Que os pedantes e os céticos desprezem conscientemente as 'pequenas' organizações que publicam 'pequenos' jornais e que lançam desafios ao mundo inteiro. Os revolucionários sérios passarão ao lado deles com indiferença. Também a Revolução de Outubro começou a caminhar com sapatos de criança.

Os poderosos partidos russos socialistas-revolucionários e menchevique que durante meses formaram uma 'Frente Popular' com os cadetes fracassaram sob a força de um punhado de fanáticos do bolchevismo ... As seções da II e da III Internacional abandonaram o palco uma atrás da outra sem pena nem glória ... Os quadros revolucionários adquirirão carne e sangue. Não é mais possível conceber a vitória sem os métodos bolcheviques."

Saudações Socialistas de estudantes do Padre Anchieta

INTERNET

O Partido e a Revolução

Waldo Mermelstein, de São Paulo

Colocamos em nossa página na Internet (http://www.geocities.com/CapitolHill/3375) o livro de Nahuel Moreno, dirigente da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT) falecido em 1987, O Partido e a Revolução. Este livro, escrito em 1973, foi concebido para realizar a polêmica com a então tendência majoritária do Secretariado Unificado da IV Internacional.

O ultra-esquerdismo

Nós vamos dedicar alguns números do jornal para comentarmos esta obra a partir deste espaço. Toda a primeira parte do livro (capítulos I, II e III) trata de fazer um balanço da orientação ultra-esquerdista seguida pela tendência majoritária na América Latina e Europa que levou à destruição das seções ligadas a esta corrente na Argentina e na Bolívia. Para tal, Moreno traça um panorama dos agitados anos 60 e 70 nestes países e sua relação com a onda castrista que era moda na vanguarda latino-americana.

Lições da história

No caso da Argentina, vivia-se o fim da ditadura militar de Lanusse e a abertura democrática que desembocou nas eleições de 1973 e na volta do general Peron ao poder. Moreno polemiza com a organização mandelista — o Exército Revolucionário do Povo, dirigido por Santucho — que acompanhava a moda guerrilheira de então. Moreno apresentava as bases políticas que fundamentaram a alternativa revolucionária na Argentina de então: opor-se à ditadura com os métodos de luta de massas da classe trabalhadora e opor-se à candidatura burguesa de Peron, frente à qual a esmagadora maioria dos guerrilheiros acabaram capitulando. Esta opção manifestou-se no campo eleitoral pelos candidatos operários e socialistas do PST argentino.

Esta polêmica traz muitos ensinamentos aos jovens militantes brasileiros que procuram encontrar o caminho de luta contra o governo capitalista de FHC, sem cair nas provocações esquerdistas e na conciliação frente à burguesia que se denomina "progressista".

Aos simpatizantes e amigos do PSTU

Nos próximos dois meses, você será procurado pelos militantes do **PSTU** para contribuir com a nossa nova campanha financeira. Você deve ter notado que em todos os anos o **PSTU** recorre aos seus simpatizantes e amigos, trabalhadores e estudantes.

Este método de recorrer aos trabalhadores e estudantes anualmente é porque o nosso partido sustenta-se apenas com a contribuição regular dos seus militantes e da colaboração dos seus simpatizantes. Nos orgulhamos de ser um partido coerente da classe trabalhadora, ou seja, somos um partido pobre, que sobrevive com esse tipo de contribuição por mais dificuldades que muitas vezes tenhamos.

São com as contribuições regulares dos seus militantes, é com a colaboração dos nossos amigos durante essas campanhas que conseguimos manter nossas sedes, nosso jornal etc.

Hoje, ao final de 1997, o **PSTU** lança novamente sua campanha financeira nesse momento em que a construção de uma alternativa anticapitalista e socialista para enfrentar os violentos planos neoliberais está cada vez mais na ordem do dia.

Novos ventos estão soprando no mundo após anos de bombardeio dos ideólogos do capitalismo. Greves operárias e mobilizações na Europa, Estados Unidos e América do Sul; marchas camponesas e rebeliões de desempregados na América Latina; falência de economias dos antes todo-poderosos tigres asiáticos estão desmontando os mitos neoliberais.

Continua mais atual do que nunca a luta pela construção da saída socialista e internacionalista e o **PSTU** está a serviço deste projeto.

No Brasil, o **PSTU** luta pela construção de uma alternativa que tenha como estratégia derrotar na ação direta o projeto neoliberal do governo FHC. É parte da luta por essa estratégia combater para que nas eleições de 1998 os trabalhadores e suas organizações não estejam aliados ou a reboque de nenhum candidato da classe dominante.

Por isso, o **PSTU** está em plena campanha para que se construa uma frente classista e dos trabalhadores entre os explorados do campo e da cidade e com a juventude. É para concretizar esta aliança que o **PSTU** está apresentando a proposta de Lula presidente com um vice do MST e com um programa anticapitalista.

Companheiros, para conseguir avançar em todos estes desafios, para levar adiante as nossas idéias, nós precisamos da sua inestimável contribuição. Sem ela não poderemos prosseguir. Não deixe de colaborar com a campanha financeira do **PSTU** para levantar cada vez mais alto a bandeira do socialismo.

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA

Nome completo

Endereço

Cidade — Estado

CEP — Telefone

24 EXEMPLARES

- ☐ 1 parcela de R$ 25,00
- ☐ 2 parcelas de R$ 12,50
- ☐ 3 parcelas de R$ 8,40
- ☐ Solidária R$ ______

48 EXEMPLARES

- ☐ 1 parcela de R$ 50,00
- ☐ 2 parcelas de R$ 25,00
- ☐ 3 parcelas de R$ 16,70
- ☐ Solidária R$ ______

Envie cheque nominal ao PSTU no valor da sua assinatura total ou parcelada para a Rua Jorge Tibiriçá, 238 - Saúde - São Paulo - CEP 0412ϵ-000

80 anos da Revolução Russa

Durante os meses de outubro e novembro o PSTU estará realizando uma série de atividades pelo país — seminários, debates e palestras — comemorativos aos 80 anos da Revolução Russa. Para nós, a defesa e o resgate da revolução de outubro é a defesa da atualidade da revolução socialista e do internacionalismo. E é também a crítica intransigente à degeneração stalinista.

Entre as atividades que serão realizadas está confirmado um seminário para o dia 30 de outubro na Universidade de Campinas (Unicamp) com a presença de diversos professores dessa universidade e dirigentes do PSTU. Além disso, em novembro sairá uma edição especial do Opinião Socialista com um Suplemento dedicado aos 80 anos da Revolução Russa.

PSTU

jornal Quinzenal

Endereço:
Rua Jorge Tibiriçá, 238
Saúde - São Paulo
CEP 04126-000

PORTE PAGO
DR/SP
PRT/SP 7168/92